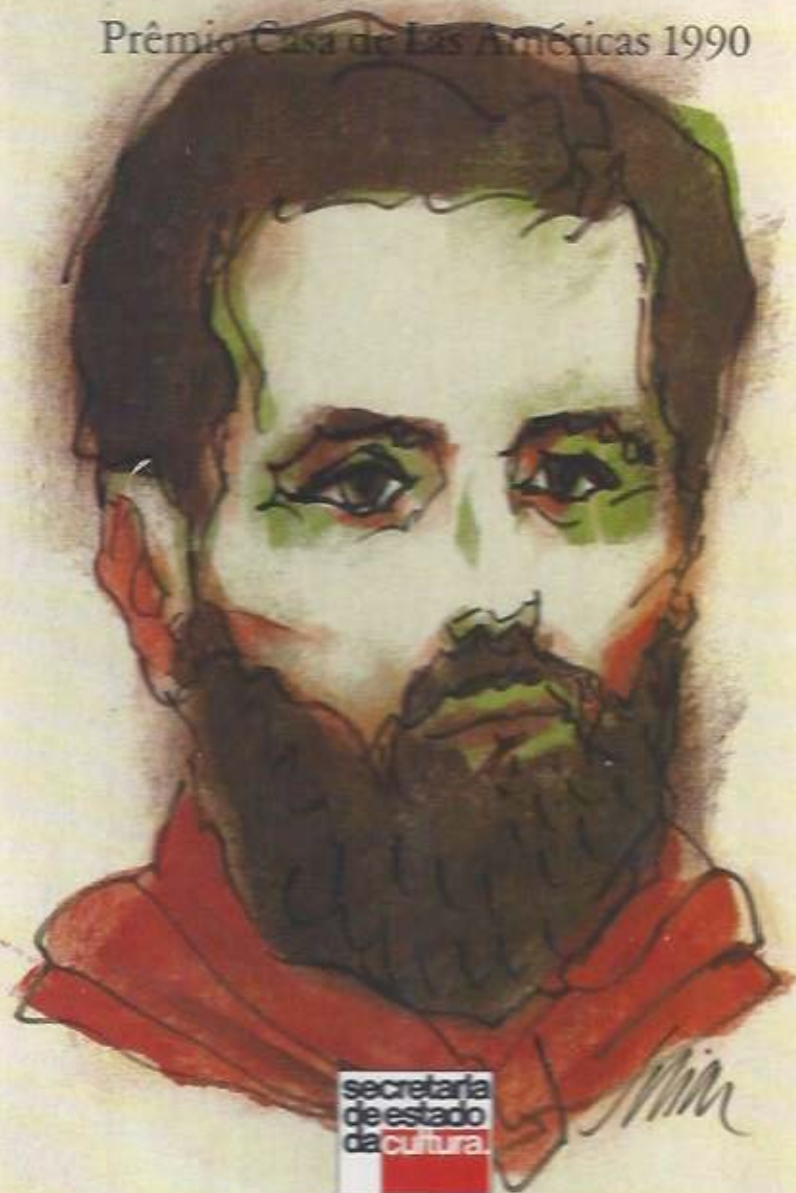


ANITA L. PRESTES

A COLUNA PRESTES

Prêmio Casa de Las Américas 1990



editora brasiliense

Refiz várias vezes este texto que prometi ao editor, sensibilizado pelo convite.

Na década de 20, menino, lembro das histórias que ouvia, do espanto, do clima de filme em série — comum naquele tempo —, que me fascinava e assustava, sobre aquele grupo de homens comandados pelo jovem capitão Luiz Carlos Prestes, abrindo caminho por vários estados, surpreendendo e driblando vários generais e suas tropas regulares, transformando-se numa lenda viva.

Jovem, acompanhei, espantado e respeitoso, a trajetória daquele homem corajoso que se entregou inteiro a uma causa, que seria a de conscientizar o povo de seus direitos, da necessidade de se organizar e de se fazer respeitar.

Em 1945, voltando com a FEB da Itália, fui conhecê-lo pessoalmente e privei de sua atenção, o que me tornou mais pleno, mais rico como homem, mais orgulhoso como brasileiro.

Me senti honrado quando sua filha Anita me convidou para fazer a capa deste livro, que ela nos traz, depois de longa e minuciosa pesquisa, creio que em obra definitiva, sobre o que representou a Coluna comandada por seu pai — que nos ajudou a melhor compreender a nossa realidade, ajudou a desmascarar esse monstruoso sistema que parasita nosso povo batalhador, criativo, sofrido, e que, apesar de tudo, constrói o que temos de melhor.

A COLUNA PRESTES

LEITURAS AFINS

Coleção Tudo é História

Os Arautos do Liberalismo
Imprensa paulista 1920-1945

Cangaço
A força do coronel
Júlio José Chiavenatto

1930 — O Silêncio dos Vencidos
Edgar de Decca

Da Monarquia à República
Momentos decisivos
Emília Viotti da Costa

O Partido Republicano Paulista
(1889-1926)
José Enio Casalecchi

Pequena História da República
João Cruz Costa

A Questão Nacional na Primeira República
Lúcia Lippi Oliveira

A Revolução de 1930
Boris Fausto

A Coluna Prestes
Rebeldes errantes
José Augusto Drummond

O Coronelismo
Uma política de compromissos
Maria de Lourdes Janotti

A Proclamação da República
José Enio Casalecchi

São Paulo na Primeira República
Sílvia Moreira

ANITA LEOCÁDIA PRESTES

A COLUNA PRESTES

2ª edição



editora brasiliense

Copyright © by Anita Leocadia Prestes, 1990
Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada,
armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada,
reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer
sem autorização prévia do editor.

ISBN: 85-11-13104-3
Primeira edição, 1990

2ª edição, 1991

Preparação de originais: Sergio Rizzo
Revisão: Rosemary C. Machado, Eduardo Keppler,
Carmem Tereza Simões Costa, Gilberto D'Ângelo
Braz, Eliana Antonioli
Capa: Carlos Scliar

Rua da Consolação, 2697
01416 São Paulo SP
Fone (011) 280-1222 - Fax 881-9980
Telex: (11) 33271 DBLM BR

IMPRESSO NO BRASIL

In memoriam

Olga Benario Prestes
Leocadia Felizardo Prestes

Dedico este trabalho

aos soldados da Coluna Prestes
a Luiz Carlos Prestes
a Lygia Prestes

Este trabalho foi apresentado inicialmente como requisito para a obtenção do título de Doutor em História Social no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Nessa ocasião — mais precisamente, no dia 29 de novembro de 1989 —, a defesa de nossa tese contou com a presença inesquecível e o apoio entusiástico de Luiz Carlos Prestes, pai da autora, maior inspirador e colaborador desta obra e personagem principal dos acontecimentos que nela são narrados e analisados.



Agradecimentos

Esta obra resultou da colaboração de inúmeras pessoas. Sendo impossível citar todas, limitamo-nos a expressar-lhes a nossa profunda gratidão.

Desejamos apenas destacar os nomes de alguns desses colaboradores, cujo auxílio foi decisivo para o êxito do projeto de pesquisa inicialmente proposto. Reiteramos, assim, os nossos agradecimentos:

A Luiz Carlos Prestes, sem cuja inestimável e permanente ajuda este trabalho simplesmente não existiria. Foram as informações que ele nos forneceu, apelando para uma memória indiscutivelmente privilegiada, os seus constantes comentários e opiniões sobre o trabalho que estávamos realizando e, em particular, a visão da época estudada que soube nos transmitir, que nos permitiram chegar ao texto que ora apresentamos.

À professora Maria Yedda Leite Linhares, por sua valiosa e segura orientação, pelo interesse que sempre demonstrou pelo nosso trabalho e por seu constante incentivo à pesquisa que vínhamos realizando. Mais do que uma orientadora, tivemos uma grande amiga.

Ao professor Ciro Flamarion S. Cardoso, pelo muito que nos ajudou, respondendo atentamente às nossas indagações e formulando sugestões construtivas para o trabalho que íamos desenvolvendo.

A Marly de Almeida Gomes Vianna, amiga de muitos anos, leitora crítica das primeiras versões deste trabalho, cujas opiniões foram importantes na sua elaboração final.

À Dra. Josefina Demeis, da cidade de Floriano (PI), e ao Dr. José Arimathéa Tito Filho, presidente da Academia Piauiense de

Letras, em Teresina, pela ajuda que nos prestaram para que melhor pudéssemos conhecer a história da passagem da Coluna Prestes pelo Piauí.

Ao Padre Geraldo Oliveira Lima, da diocese de Crateús, cuja colaboração nos forneceu elementos valiosos sobre as repercussões da Marcha da Coluna Prestes junto às populações sertanejas do Ceará.

Aos casais Eunice Antônio e Antônio Carlos Belinazo, de Santo Ângelo, Noeli V. Weschenfelder e Paulo Afonso Zarth, de Ijuí, Maria e Flávio Bettanin, de São Luís Gonzaga, e Maria Célia e Antônio Leutchuk, de Três Passos, assim como ao Dr. Fernando O. M. O'Donnell, residente em Porto Alegre, cujo apoio desinteressado nos permitiu conhecer e entrevistar um número considerável de remanescentes da Coluna Prestes no Rio Grande do Sul, assim como ter acesso a documentos valiosos referentes a esse episódio histórico.

Aos ex-combatentes da Coluna Prestes e às diversas pessoas que testemunharam os acontecimentos relacionados com a Marcha da Coluna pelo Brasil e tiveram a paciência e a boa vontade de nos concederem seus depoimentos.

A Cecília Cintra, residente em Campinas (SP), e à sua família, pelo auxílio que nos prestaram quando da nossa permanência nessa cidade, para realizar pesquisa no Arquivo Edgar Leuenroth do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

Aos professores Marco Aurélio Garcia e Paulo Sérgio Pinheiro, que nos facilitaram o acesso ao Acervo Artur Bernardes, microfilmado e depositado sob sua guarda no Arquivo Edgar Leuenroth (Unicamp).

Aos professores Florestan Fernandes e Carlos Guilherme Mota, que nos possibilitaram o ingresso no curso de Doutorado em História da Universidade de São Paulo, quando este ainda não havia sido criado na Universidade Federal Fluminense.

Desejamos ainda agradecer ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) e à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), pelas bolsas e dotações que nos foram concedidas, permitindo-nos desenvolver o nosso projeto de pesquisa.

Apresentação

É com satisfação que vou falar do meu amigo Luiz Carlos Prestes, uma das figuras mais dignas do nosso tempo, tão autêntica, tão veraz e proba que se destaca como um iluminado neste mundo de conviências em que vivemos.

A história é conhecida e quase óbvio lembrá-la. Sua luta pelo Brasil afora — de norte a sul — a comandar sua coluna; sua conversão ao comunismo; seus nove anos de cárcere; sua mulher — grávida — levada aos campos de concentração nazistas. E, depois, a derrota de Hitler, sua libertação e grandeza diante da situação política existente; o partido em liberdade e ele aclamado nos grandes comícios de 1945 e 1946. Era o cavaleiro da esperança que o povo aguardava. Pouco durou tanta euforia. Em 1947, o PCB vai à ilegalidade e Prestes é obrigado a imigrar, para voltar anos depois com o mesmo entusiasmo e espírito de luta que sua juventude anunciava. Estamos em 1988 e Prestes, já com noventa anos de idade, continua a lutar contra esta miséria imensa que pesa sobre o mundo. Todos o estimam. Todos o acolhem e escutam com admiração. Todos o respeitam, emocionados com a sua inabalável convicção de revolucionário.

Oscar Niemeyer

(Do álbum de desenhos de Carlos Scliar, feito em homenagem aos noventa anos de Luiz Carlos Prestes. Impresso em janeiro de 1988 no Atelier do MAM em Porto Alegre, RS. Edição especial de trinta e quatro exemplares.)



Prefácio

Com um título singelo e despojado de pretensões, após sete longos anos de paciente pesquisa e reflexão intelectual sempre renovada, Anita Leocadia Prestes submeteu a julgamento de historiadores sua Tese de Doutorado, *A Coluna Prestes*. Produto de uma preocupação acadêmica e de uma paixão política, o trabalho resultou numa análise extensa e minuciosa de um dos feitos mais controvertidos da história brasileira, com características míticas e indeleveléis consequências para a República dos coronéis e oligarcas.

Engana-se, porém, quem pensar que a Coluna Prestes tecida por Anita Leocadia Prestes limita-se a relatar o episódio extraordinário da longa marcha através do território brasileiro, nos anos 20 da velha República, ou a enaltecer as qualidades de seu líder imbatível, Luiz Carlos Prestes. Na realidade, Anita conseguiu enveredar pelo difícil caminho da fonte oral — o herói invencível a relatar sua própria história — e saiu-se com rara felicidade dessa empreitada, demonstrando notável isenção como observadora do seu fato histórico e superando a ligação afetiva com aquele que era, ao mesmo tempo, o principal ator e a fonte fundamental de seu relato. Eis o primeiro e não menos importante mérito do trabalho, isto é, não cair na armadilha de seu próprio método. Como filha, colocava-se a doutoranda na situação privilegiada de dispor da mais autorizada — e cobiçada — fonte de informação para o trabalho que construía e, ao mesmo tempo, como historiadora era-lhe imprescindível despojar-se, na medida do possível, da carga emocional inerente ao seu tema. Os examinadores da tese foram unânimes em ressaltar a objetividade da autora e a sua preocupação com a seriedade do trabalho científico. Anita Leoca-

dia organizou o seu assunto, montou suas hipóteses, apoderou-se de um arsenal teórico e documental de larga envergadura e trabalhou com notável afincio para realizar, por fim, uma bela análise histórica de um dos momentos mais decisivos para a compreensão do Brasil contemporâneo.

Outros méritos devem ser assinalados: a correção do texto, a erudição que demonstra no manuseio da bibliografia e da documentação de largo espectro, a ampla discussão sobre a crise da República Velha e o fenômeno do Tenentismo, bem como as repercussões da Coluna sobre as populações do campo e das cidades. Será difícil outra pesquisa vir, a médio prazo, superar o livro que em boa hora se publica. Os Anexos apensados no final do volume são extremamente úteis ao leitor e poderão abrir novas frentes de interesse para os estudiosos. Respalhada em sólida formação marxista, Anita expõe com clareza sua posição enquanto historiadora — e cidadã, por que não? — e coerente com sua própria vida. Fiel admiradora do historiador Pierre Vilar, afirma que a sua história não é mera narrativa, já que não a vê como um simples relato de acontecimentos pretéritos, embora reconheça que os fatos não devem ser banidos daquilo a que ela mesma chama de “verdadeira História”. Estamos, pois, diante de uma história política, econômica e social, no sentido que lhe é dado por historiadores marxistas, como, por exemplo, Ciro F. S. Cardoso, citado logo na Introdução: uma visão integrada do desenvolvimento histórico-social, através da união dos enfoques genético e estrutural, sendo mister, porém, precaver-se contra uma certa tentação — descabida e pervertida — de confundir o materialismo histórico, como já foi usual no passado, com a verdade pronta e acabada. Tal erro desembocaria, sem dúvida, no dogmatismo condenável e ingênuo, adverte-nos, com segurança, o referido autor.

Ao prefaciador não compete, no entanto, resumir o livro que apresenta ao leitor. Sua missão deveria ser a de apontar alguns caminhos para a leitura, mas sem intenções normativas, tarefa difícil sobretudo em face de um trabalho tão amplo. Dividido em três partes e abrangendo dez capítulos, ele trata, num primeiro momento, de duas questões básicas. Uma diz respeito à própria concepção da temática, seus enfoques, suas preocupações teóricas e metodológicas, incluindo uma competente análise da historiografia relativa à Coluna, até então incompleta e parcial. Outra concerne ao problema da história oral como técnica de pesquisa, inclusive no tocante aos depoimentos de Prestes. Sua leitura se recomenda por sua correta posição metodológica.

A Parte I retrata o problema do tenentismo e a crise do sistema político e social em mudança para uma sociedade plenamente capi-

talista e mal saída da escravidão. A autora passa em revista a extensa produção historiográfica — no sentido amplo — sobre o período e aponta para uma possibilidade de análise do tenentismo sob o ângulo dos movimentos sociais. Nesse sentido, a Coluna ganha uma nova dimensão de entendimento, ou seja, como momento culminante do tenentismo e parte da História dos movimentos populares no nosso país. Tal problemática, entretanto, esbarra na dificuldade — superada, em parte, pela autora — da localização dos “vencidos”. Quem, finalmente, participava desses feitos, além das personalidades já conhecidas?

A Parte II trata do apaixonante relato da marcha da Coluna, para o qual foram decisivos os depoimentos do comandante Prestes, além de novos relatos tomados pela autora e daqueles anteriormente divulgados. Afinal, como e por que a Coluna, “um exército com características populares”, jamais foi derrotado? Como exército guerrilheiro, comandado por militares profissionais, constituiu-se, sem dúvida, numa forma inédita, no Brasil, de organização de lutas populares.

Para finalizar, a Parte III enfoca, com originalidade, as populações rurais em face da Coluna, assim como o problema do impacto da crise sobre as populações urbanas e o sistema político. Nesse sentido, abrem-se em leque as novas possibilidades de pesquisa. A questão agrária na fase final da república oligárquica ainda está à espera dos historiadores brasileiros nas várias regiões do Brasil, e façamos votos para que algumas vocações venham a ser despertadas a partir das sugestões e indicações aqui reunidas.

Muitas são as indagações que poderão pairar na mente dos leitores, sobre o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. A Coluna Prestes, movimento social de caráter popular, aglutinou esperanças, revelou aspectos fundamentais da crise da República no tocante à fragilidade do sistema político, à incapacidade da organização militar em dar combate aos soldados de Prestes, à pobreza do campo. Ela também canalizou descontentamentos em várias partes do País, mobilizou a opinião pública urbana, inspirou uma certa reorganização das forças políticas, tornando-se um dos fatores a explicar a eclosão da Revolução de 30. Até que ponto 1930 foi, de fato, uma revolução? O livro de Anita Leocadia Prestes, cuja elaboração eu tive a ventura de acompanhar desde os primeiros momentos, desperta muitas e variadas questões em nossas mentes inquietas. E é muito bom que o faça. Afinal, devemos questionar o passado, sempre, para melhor questionarmos o presente.

Rio de Janeiro, maio de 1990.
Maria Yedda Leite Linhares



Sumário

Abreviaturas utilizadas	19
Introdução	23

PARTE I

A CRISE DA REPÚBLICA VELHA E O ADVENTO DO TENENTISMO	51
---	-----------

CAPÍTULO I

A República Velha em crise	53
----------------------------------	----

CAPÍTULO II

O tenentismo — fruto da crise da República Velha	69
--	----

PARTE II

A COLUNA PRESTES: EPISÓDIO CULMINANTE DO TENENTISMO	111
--	------------

CAPÍTULO III

O levante do Rio Grande do Sul e a formação da Coluna ...	117
---	-----

CAPÍTULO IV

A travessia de Santa Catarina e Paraná. A incorporação dos rebeldes paulistas à Coluna Prestes	160
---	-----

CAPÍTULO V

A passagem por Mato Grosso, Minas e Goiás. A reorganização da Coluna	185
--	-----

CAPÍTULO VI

A Coluna no Norte e Nordeste	224
------------------------------------	-----

CAPÍTULO VII

A travessia da Bahia e a marcha para o exílio. O fracasso do combate governista à Coluna	259
--	-----

CAPÍTULO VIII

A Coluna Prestes — um exército com características populares	297
--	-----

PARTE III

A COLUNA PRESTES: SEU RELACIONAMENTO COM AS POPULAÇÕES RURAIS E URBANAS E AS FORÇAS POLÍTICAS DA ÉPOCA. SUA INFLUÊNCIA NA “REVOLUÇÃO DE 30”	317
--	------------

CAPÍTULO IX

A Coluna e as populações rurais	319
---------------------------------------	-----

CAPÍTULO X

A Coluna, as populações urbanas e as forças políticas da época. A utilização do prestígio de Prestes e da Coluna pelas oligarquias dissidentes na campanha da Aliança Liberal e na preparação da “Revolução de 30”	351
Conclusão	393
Anexos	395
Referências Documentais	471
Referências Bibliográficas	480
Lista de Fotos	496
Lista de Mapas	499
Sobre a autora	501

ABREVIATURAS UTILIZADAS

- AAB — Acervo Artur Bernardes, microfilmado e depositado no Arquivo Edgar Leuenroth, vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob guarda dos professores Paulo Sérgio Pinheiro e Marco Aurélio Garcia.
- AN — Arquivo Nacional (Rio de Janeiro).
- CPDoc/FGV — Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, vinculado à Fundação Getúlio Vargas (Rio de Janeiro).
- FIDENE — Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (Ijuí, RS) — Museu Antropológico “Diretor Pestana”.
- FUNDAMES — Fundação Missioneira de Ensino Superior — Centro de Cultura Missioneira (Santo Ângelo, RS).
- LCP — Entrevistas concedidas por Luiz Carlos Prestes a Anita Leocadia Prestes e Marly de Almeida Gomes Vianna (gravadas em fita magnética e transcritas para o papel). Rio de Janeiro, 1981-1983.
- PCB — Partido Comunista do Brasil, fundado em 1922.
- PD — Partido Democrático, criado em São Paulo, em 1926.
- PDN — Partido Democrático Nacional, fundado em 1927.
- PRM — Partido Republicano Mineiro.
- PRP — Partido Republicano Paulista.
- PRR — Partido Republicano Rio-grandense.



"Coluna de mil guerrilhas
sempre vence e nunca apanha
.....

Que medida para medir
os teus feitos de andarilha
de vinte e seis mil quilômetros
teu roteiro e tua trilha?
Combates, cinquenta e três,
sem cair numa armadilha.
Vencidos foram dezoito
Generais. Só de guerrilhas,
mais de mil Brasil em fora.
.....

Que medida para medir
esse caminho de esperanças
e lutas que abriu tão fundas
sementeiras de lembranças
e lições para teu povo?
Coluna, tu és a herança
que os pais transmitem aos filhos
como *abc* de criança.
Cartilha de toda hora.
....."

Jacinta Passos *A Coluna*

Introdução

É impossível entender a década de 20 no Brasil e os acontecimentos que iriam desembocar na chamada “Revolução de 30” sem considerar o tenentismo e, em particular, a Coluna Prestes, episódio atualmente pouco conhecido pelas novas gerações.

Embora seja considerável a bibliografia referente ao tenentismo¹, a mesma se mostra, a nosso ver, insatisfatória quando se quer uma explicação convincente tanto das causas que determinaram o surgimento desse movimento, quanto da sua importância, influência e repercussão no período em apreço.

No que diz respeito à Coluna Prestes, sua bibliografia não só é diminuta, como inexistem pesquisas sobre o tema apoiadas em documentação primária. Cabe assinalar também a ausência de qualquer trabalho dedicado a analisar e explicar esse acontecimento histórico, relegado ao esquecimento durante décadas no Brasil e no estrangeiro.

A principal obra sobre o assunto, o diário da Coluna, escrito pelo seu secretário, o bacharel Lourenço Moreira Lima¹, esteve esgotada durante anos a fio, tendo permanecido desconhecida de várias gerações. Publicado em 1931, o livro viu sua segunda edição em 1945, só tendo sido reeditado trinta e quatro anos mais tarde, em 1979. Da mesma forma, o trabalho de S. Dias Ferreira (com a colaboração de Sady Valle Machado), *A Marcha da Coluna Prestes*, publicado em 1928², e o terceiro volume de *À Guisa de Depoimento sobre a Revolução Brasileira de 1924*, de Juaréz Távora, que veio à luz também em 1928³ — obras importantes na historiografia da Coluna Prestes —, estão esgotados desde a

* Ver página 27

época de suas publicações, sem nunca terem sido reeditados. Permaneceram, portanto, inéditos para o grande público.

Chama a atenção a ausência quase total de uma contribuição efetiva dos participantes da própria Coluna, principalmente dos seus comandantes, para o conhecimento e compreensão do episódio. À exceção do referido volume de Juarez Távora, sua obra posterior⁴ pouco se detém no assunto, o mesmo acontecendo com o depoimento de Osvaldo Cordeiro de Farias, publicado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDoc/FGV), em 1981⁵. Quanto ao livro de João Alberto Lins de Barros, *Memórias de um Revolucionário*⁶, que ficou restrito ao primeiro volume, limita-se à narrativa bastante rápida e superficial de alguns episódios da Marcha da Coluna, sem que o autor revele, contudo, a preocupação com a análise desse acontecimento.

A pobreza da contribuição fornecida à nossa historiografia por alguns dos principais protagonistas da Coluna Prestes, contrasta, paradoxalmente, com as possibilidades de que eles dispuseram, a partir da vitória do movimento de 1930, para patrocinar e incentivar a pesquisa do episódio. Basta dizer que Juarez Távora, Osvaldo Cordeiro de Farias e João Alberto Lins de Barros permaneceram durante anos no poder ou próximo dele, gozando de grande influência e prestígio por largos períodos de suas vidas. Se tivessem revelado interesse, poderiam ter concorrido para que a Coluna Prestes fosse estudada e contasse hoje com uma ampla historiografia.

A propósito, é oportuno lembrar que o arquivo da Coluna, recolhido durante a Marcha desde o Rio Grande do Sul até o Ceará, foi entregue à família Távora quando da passagem dos rebeldes por este Estado. A informação é registrada por Lourenço Moreira Lima e confirmada por Luiz Carlos Prestes. Entretanto, não se tem conhecimento de que algum pesquisador desse período da História do Brasil tenha tido acesso a esse acervo⁷.

A contribuição de historiadores e pesquisadores de diversas áreas das Ciências Sociais, para o conhecimento da Coluna Prestes, também é precária. Assim, o livro do *brasilianista* Neill Macaulay, *A Coluna Prestes*⁸, limita-se a reproduzir trechos da bibliografia conhecida, sem apresentar uma pesquisa original, nem pretender algum tipo de interpretação histórica, como o próprio autor reconhece.

É evidente que a ausência quase completa da Coluna Prestes da nossa historiografia — enquanto os levantes de 1922 no Rio e 1924 em São Paulo, assim como os acontecimentos de 1930, contam com uma bibliografia considerável — não pode ser aceita

como um fato casual e fortuito, principalmente quando algumas das principais figuras da Marcha da Coluna permaneceram durante longos períodos, em posições de destaque na vida nacional. Pensamos que houve inegavelmente o propósito deliberado de relegar a Coluna e seus feitos ao esquecimento e, ao mesmo tempo, permitir que o seu conteúdo real fosse esvaziado, deturpado e manipulado pelos donos do poder ao longo dos anos que se seguiram à vitória da "Revolução de 30".

A ruptura de Prestes com os "tenentes" e a sua adesão aos ideais comunistas, certamente podem explicar muita coisa. A partir daquele momento, quase todos os seus antigos companheiros — que já estavam comprometidos, em maior ou menor grau, com Getúlio Vargas — viraram-lhe as costas, tendo-se integrado de corpo e alma ao movimento de 30 e, posteriormente, servido ao poder estabelecido com a derrocada da República Velha.

Falar na Coluna e nos seus feitos era, contudo, impossível sem referir-se a Prestes e ao seu papel destacado. A Coluna estava identificada com Prestes. E Prestes, a partir de 30, estava identificado com o comunismo e a União Soviética. Por essa razão, para a classe dominante e seus mais novos colaboradores — os antigos "tenentes" —, era necessário destruir o mito do "Cavaleiro da Esperança", que eles próprios haviam ajudado a criar e difundir, enquanto isso correspondeu aos seus interesses políticos.

As idéias comunistas encontrariam, no Brasil, uma forma original de serem propagadas: por intermédio de Luiz Carlos Prestes — a figura de maior destaque e principal liderança do movimento tenentista — atingiam setores sociais que o débil Partido Comunista do Brasil (PCB) não tinha condições de influenciar. E esse fato assustava sobremaneira os donos do poder.

Para os vitoriosos de 30, tratava-se, pois, de travar um combate sem tréguas contra o comunismo e também contra Prestes. Para isso, era preciso silenciar a história da Coluna e, pouco a pouco, ir desfigurando o seu verdadeiro conteúdo. Com o correr dos anos, seria deturpado o sentido não só da Coluna Prestes, como também do próprio tenentismo em geral.

Tratava-se de esquecer a verdadeira história da Coluna: uma história de luta abnegada, de armas na mão, contra as oligarquias dominantes personificadas no presidente Artur Bernardes; uma história de rebeldia, da qual participaram não só os "tenentes", mas também contingentes numerosos de homens e mulheres oriundos do povo; uma história em que, diferentemente dos estereótipos propagados com insistência pela classe dominante, a nossa gente revelou que, em condições propícias, motivada por um objetivo em que acredita e dispondo de lideranças confiáveis, é capaz

de organizar-se e lutar, com grande heroísmo e infinito desprendimento, pela causa abraçada.

A Coluna Prestes passara a ser uma lembrança incômoda e perigosa não só porque o seu principal comandante e liderança de indiscutível prestígio nacional se tornara comunista, como também porque constituía um exemplo de luta armada que a classe dominante não conseguira esmagar, apesar da superioridade militar e logística das forças lançadas contra os rebeldes. Pela primeira vez na História do Brasil, um movimento de rebeldia contra o poder constituído conseguira não ser derrotado. A Coluna acabaria emigrando sem ter sido desbaratada, mantendo suas hostes organizadas e conscientes de que haviam cumprido o seu dever. A Coluna não se rendera, nem debandara, como pretendia o inimigo poderoso, que mobilizara todos os recursos de que dispunha, durante mais de dois anos, movendo-lhe uma perseguição atroz.

Dessa forma, a verdadeira história da Coluna Prestes passaria a ser deliberadamente “esquecida”, assim como o passado tenentista de Luiz Carlos Prestes — apresentado, a partir de então, como um renegado, porque aderira ao ideal comunista, em busca de uma efetiva emancipação econômica, social e política do povo brasileiro.

Quanto ao tenentismo, esvaziado do seu conteúdo de luta contra os donos do poder — as oligarquias então dominantes —, seria transformado em bandeira dos militares reacionários dos períodos históricos que se seguiram a 1930. O ponto culminante desse processo de adulteração da História foi atingido com o golpe de 1964, quando os golpistas se autoproclamaram os continuadores dos ideais tenentistas de 1922, 1924 e 1930, como o fez o general Arthur da Costa e Silva, ministro da Guerra do governo Castello Branco, poucos dias após sua posse, em discurso pronunciado a 26/5/1964⁹. Também o general Juracy Magalhães, ministro da Justiça desse mesmo governo, diria que “a Revolução de 1964 foi o coroamento do tenentismo, do pensamento tenentista”¹⁰, com a agravante de ter sido um dos “tenentes” que participaram ativamente da “Revolução de 30”.

Da mesma maneira, um autor como o jornalista Glauco Carneiro (assessor do ex-“tenente” Juracy Magalhães ao tempo em que este foi ministro do Exterior) publicou uma biografia do tenente Antônio de Siqueira Campos, na qual, falseando a História, tenta contrapor a figura do herói do Forte de Copacabana e famoso comandante da Coluna Prestes à figura de Luiz Carlos Prestes, procurando assim diminuir o papel do último nos acontecimentos da década de 1920 e, principalmente, deturpar o sentido do tenentismo e da Coluna. Glauco Carneiro encaminha toda a

sua exposição numa direção bem determinada: chegar à conclusão de que a "Revolução de 30" só pôde ser completada em 1964. Diz ainda:

"... a Revolução de 31/3/1964, que fez ascender homens e idéias tenentistas ao Poder, atrasou-se três décadas no tempo graças à morte de um único homem, justamente Siqueira Campos."¹¹

Não se pode considerar como accidental o fato de Siqueira Campos ter sido escolhido como símbolo do tenentismo transfigurado, que passou a ser cultuado pelos militares golpistas. Morto tragicamente, ainda jovem, num desastre de aviação, em maio de 1930, o herói do Forte de Copacabana, embora tivesse sido um dos cor-religionários mais próximos de Prestes, poderia ser homenageado e reverenciado impunemente, enquanto Prestes era implacavelmente perseguido e combatido pelos donos do poder. Inventava-se, assim, uma suposta oposição entre os dois líderes rebeldes com o objetivo evidente de esvaziar o tenentismo do seu caráter progressista para a época, do seu conteúdo de luta contra as oligarquias dominantes. Enquanto Prestes era apresentado como renegado e traidor, Siqueira Campos tinha um monumento erguido em plena Copacabana, sob os auspícios da ditadura que se instalou com o golpe militar de 1964.

Criava-se, assim, a História oficial, transmitida às novas gerações através dos mais variados meios de comunicação.

Neste trabalho, temos o objetivo de resgatar a História da Coluna Prestes e, em alguns aspectos, do tenentismo, apresentando a versão dos acontecimentos que, a nosso ver, mais se aproxima da realidade. Pensamos que isto seja possível na medida em que se adote uma posição clara ao lado dos explorados e oprimidos, ao lado daqueles que, pela sua situação social, estão interessados em conhecer o passado para melhor transformar o presente, abrindo caminho para o progresso social que, segundo nossa convicção, será atingido com o avanço da luta de classes levada até o estágio da revolução social.

Algumas observações sobre a historiografia relacionada com o tema da Coluna Prestes

Como já foi assinalado, a principal obra dedicada à Coluna Prestes é o diário da Marcha de Lourenço Morcira Lima, *A Coluna Prestes (Marchas e Combates)*¹². Trata-se do relato mais fidedigno do acontecimento, descrito pelo próprio secretário da Coluna, constituindo a mais importante fonte primária para a pes-

quisa do tema em questão. Certamente, contém exageros e imprecisões, sendo necessário comparar a obra com outros documentos e, em especial, com os depoimentos concedidos à autora por Luiz Carlos Prestes.

Existem também uns poucos livros de relatos de participantes da Coluna e memórias publicadas por alguns de seus comandantes, como é o caso de *A Marcha da Coluna Prestes*, de S. Dias Ferreira (com a colaboração de Sady Valle Machado), *Cenas e Episódios da Revolução de 1924 e da Coluna Prestes*, de Ítalo Landucci, *À Guisa de Depoimento sobre a Revolução Brasileira de 1924*, de Juarez Távora, assim como as *Memórias* desse mesmo oficial, *Memórias de um Revolucionário*, de João Alberto Lins de Barros, e o livro-depoimento de Osvaldo Cordeiro de Farias, *Meio Século de Combate: Diálogo com Cordeiro de Farias*¹³. Tais obras, não obstante o seu caráter eminentemente descritivo, constituem fontes primárias de inestimável valor para a pesquisa da Coluna Prestes.

Devem ser considerados ainda vários livros de memórias de chefes militares que combateram a Coluna Prestes, como os generais do Exército Bertoldo Klinger, Cândido Mariano Rondon e Pedro Aurélio de Góis Monteiro, e o Coronel da Polícia Militar mineira, Paulo René de Andrade¹⁴. Principalmente no que se refere à obra de Bertoldo Klinger, é importante sublinhar a competência profissional e a objetividade revelada no julgamento dos fatos, assim como suas opiniões críticas em relação ao comportamento do governo diante dos rebeldes, o que é reconhecido pelo próprio Luiz Carlos Prestes em seus depoimentos gravados concedidos à autora. A comparação desses relatos com a versão apresentada pelos rebeldes é de grande valia para o estudo dos acontecimentos relacionados com a Coluna Prestes.

Cabe destacar os livros em que a Coluna Prestes é descrita ou, em certa medida, analisada, como as obras de Abguar Bastos, Nelson Tabajara de Oliveira, Virgínio Santa Rosa, Hélio Silva, Edgar Carone, Nelson Werneck Sodré e, mais recentemente, o livro já citado de Neill Macaulay, assim como o de José Augusto Drummond¹⁵. Esses trabalhos constituem o que se convencionou chamar de bibliografia secundária em relação ao tema da Coluna Prestes; do ponto de vista analítico, eles pouco contribuem para o esclarecimento das especificidades desse acontecimento histórico. Episódio menos conhecido, ele é, em geral, incluído sem mediações ou diferenciações no conjunto do tenentismo e, conseqüentemente, as conclusões que se tornaram voz corrente para o movimento lhe acabam sendo atribuídas, sem que exista um estudo específico da Coluna Prestes.

É particularmente importante examinar, ainda que resumidamente, a produção historiográfica sobre o *tenentismo*, em que se delineiam três correntes principais. A primeira, a mais tradicional e amplamente difundida explica o tenentismo como um movimento que, a partir de suas origens sociais nas classes (ou camadas) médias urbanas, por vezes denominadas de pequena burguesia urbana, representaria os anseios dessas camadas por uma maior participação na vida nacional e nas instituições políticas. Sem dúvida, há matizes e diferenças entre os numerosos defensores dessa tese principal, mas o que os unifica é a convicção de que o fator determinante do comportamento político dos “tenentes” residiria em sua origem social pequeno-burguesa. O tenentismo seria a expressão da revolta da pequena burguesia urbana contra as oligarquias. Como diz Virgínio Santa Rosa, provavelmente o pioneiro dessa interpretação, os “tenentes” e o tenentismo seriam a força que impulsionava “o movimento ascensional da pequena burguesia”¹⁶.

Em algumas análises, a pequena burguesia aparece como vanguarda dos interesses burgueses, sendo Nélson Werneck Sodré o expoente mais destacado dessa concepção que, a nosso ver, constitui uma das variantes da primeira corrente interpretativa do tenentismo. Afirma Werneck Sodré que o “reformismo tenentista é expressão política da pequena burguesia brasileira, vanguarda aguerrida da ascensão burguesa”¹⁷, visão que termina desembocando na conhecida tese sobre o movimento de 1930, segundo a qual os acontecimentos daquele ano teriam levado à revolução burguesa no país. Werneck Sodré é taxativo:

“A essência do movimento tenentista consistiu no seu papel ligado ao processo de ascensão da burguesia brasileira, em luta contra o absoluto domínio exercido pela classe latifundiária.”¹⁸

São representativos dessa corrente diversos autores, entre os quais Edgar Carone, Leôncio Basbaum, Abguar Bastos, Hélio Jaguaribe, Guerreiro Ramos e Wanderley Guilherme dos Santos¹⁹.

Essa visão, em que se privilegia a origem social pequeno-burguesa dos “tenentes” como fator definidor do caráter do movimento tenentista, encontra-se estreitamente ligada à concepção “dualista” da sociedade brasileira, que por tantos anos imperou em nossa historiografia. Segundo a análise precisa de Boris Fausto, os elementos centrais desse modelo “dualista” podem ser assim resumidos:

“Na formação social do país, existiria uma contradição básica entre o setor agrário exportador, representado pelo latifúndio semifeudal, associado ao imperialismo, e os interesses voltados para o mercado

interno, representado pela 'burguesia'. As disputas da Primeira República explicar-se-iam, em última análise, por esta oposição, assumindo as classes médias, identificadas com os movimentos militares, o papel de vanguarda das reivindicações burguesas.²⁰

A partir dos anos 60 e início dos anos 70, é possível identificar uma segunda corrente, interpretativa do tenentismo, que surgiu, em grande medida, como uma tentativa de contestar a absolutização da origem social na definição do conteúdo do tenentismo, uma vez que essa concepção vinha-se tornando cada vez mais insuficiente na explicação dos fenômenos observados.

Paula Beiguelman, em conhecido artigo dedicado à crítica das posições "dualistas" de Nelson Werneck Sodré, ao combater a tese do tenentismo como expressão dos anseios da classe média urbana, é levada a privilegiar um outro aspecto — os "tenentes" como parte de uma instituição do Estado:

"Podemos considerar que é principalmente enquanto órgão responsável pela manutenção da ordem institucional que o grupo militar é sensibilizado pela crise política, tornando-se seja o principal fator da transformação revolucionária, seja o agente da consolidação do regime."²¹

Essa é também, em linhas gerais, a posição assumida por Maria do Carmo Campello de Souza, Décio Azevedo Marques de Saes, Boris Fausto, Edmundo Campos Coelho, José Murilo de Carvalho, Eurico de Lima Figueiredo e José Augusto Drummond, não obstante as diferenças existentes entre eles²², cabendo assinalar que, em relação a Décio Azevedo Marques de Saes, suas posições evoluíram no sentido de uma aproximação com a terceira corrente interpretativa do tenentismo, que analisaremos adiante²³.

É nos escritos de Boris Fausto que, talvez, fique mais explicitada a interpretação do tenentismo representada pela segunda corrente citada. Para Boris Fausto, carece de qualquer sentido identificar os "tenentes" com as chamadas camadas médias urbanas²⁴. Afirma ele que "a análise do tenentismo não pode ser reduzida a explicações unilaterais, reduzindo o grupo funcional a uma classe social (tenentes e classe média), ou atribuindo ao grupo total autonomia no conjunto da sociedade"²⁵.

Na prática, contudo, Boris Fausto é levado a absolutizar o aspecto militar do movimento tenentista, destacando ser esse "um movimento política e ideologicamente difuso, de características predominantemente militares, onde as tendências reformistas autoritárias aparecem em embrião"²⁶. Assim, para o autor, as tendências elitistas e autoritárias dos "tenentes" invalidariam qualquer identificação sua com as camadas médias urbanas, cuja ideologia seria a liberal. Daí a conclusão a que chega:

"Na base da pequena vinculação com os meios civis está um dos traços essenciais da ideologia tenentista: os "tenentes" se identificam como responsáveis pela salvação nacional, guardiães da pureza das instituições republicanas, em nome do povo inerte. Trata-se de um movimento substitutivo e não organizador do povo."²⁷

Essa postura que privilegia os aspectos organizacionais do tenentismo, ou melhor, o entendimento desse movimento como produto da instituição militar, desconsiderando a inserção do Exército na sociedade, está presente não só na obra de Boris Fausto, como na dos demais autores citados. Edmundo Campos Coelho considera o tenentismo fruto de fatores tipicamente militares, afirmando que "os interesses envolvidos eram os da organização militar"²⁸, e José Augusto Drummond destaca que "a defesa da legitimidade de um papel especial para os militares foi o elemento mais forte e mais constante nas revoltas tenentistas"²⁹.

A crítica a essas duas principais correntes historiográficas — em que, na interpretação do tenentismo, são absolutizados, no primeiro caso, a origem social e as ligações dos "tenentes" com as camadas médias urbanas e, no segundo caso, o seu papel no aparelho de Estado enquanto fenômeno das Forças Armadas — levou, mais recentemente, ao surgimento de uma terceira corrente, mais próxima de uma análise global e não absolutizadora desse importante momento da História do Brasil. São representativos dessa corrente autores como Paulo Sérgio Pinheiro, Anna Maria Martinez Corrêa e Maria Cecília Spina Forjaz³⁰.

Paulo Sérgio Pinheiro destaca que a análise do papel dos "tenentes" deve ser feita através de duas dimensões: a primeira, "a situação atual ou recente, na época considerada, dos tenentes no aparelho militar do Estado"; a segunda, "a relação entre os tenentes e as classes médias". E assinala que "a conjugação dessas duas dimensões pode nos levar a uma explicação do fenômeno tenentista"³¹.

Anna Maria Martinez Corrêa, ao estudar a rebelião de 1924 em São Paulo, considera que o papel dos "tenentes" deve ser analisado tanto no que se refere à sua procedência social (camadas médias), como à sua organização militar, incluindo o fato de ocuparem uma posição intermediária na hierarquia das Forças Armadas³².

A posição de Maria Cecília Spina Forjaz também é de crítica às duas correntes historiográficas já examinadas³³. Para a autora, ambas as correntes têm caráter absolutizador. Propõe que, na análise do tenentismo, sejam levadas em conta tanto "sua situação institucional (dos tenentes)... como membros do aparelho militar

do Estado", como "sua composição social como membros das camadas médias urbanas"³⁴. E acrescenta:

"Na conjuntura da década de 20 o tenentismo assumiu o papel de porta-voz das aspirações das camadas médias urbanas. Esse grupo social, por sua dependência estrutural das oligarquias dominantes, foi incapaz de organizar um partido político que expressasse seus interesses e que efetivamente contestasse a dominação oligárquica. Esse papel foi preenchido por um setor da burocracia estatal, os militares, que embora integrantes das camadas médias urbanas, possuem uma autonomia própria advinda de suas funções no aparelho de Estado."³⁵

Se, no fundamental, a historiografia sobre o tenentismo pode ser encarada sob o ponto de vista das três correntes citadas, muitos outros aspectos presentes nos estudos referentes ao tema poderiam ser examinados. Considerando os objetivos deste trabalho, é importante assinalar as tentativas de identificar tendências de caráter político-ideológico no seio do tenentismo. Assim, para Boris Fausto, era possível detectar, na década de 20, duas tendências no interior do tenentismo: a primeira, representada por Prestes, Siqueira Campos e Miguel Costa, estaria identificada com a derrubada das oligarquias, apresentando um "programa vagamente popular-nacionalista"; a segunda teria uma posição mais conservadora e seria representada por Juarez Távora³⁶. Para Edgar Carone, a divisão seria outra: o tenentismo político dos Juarez e o tenentismo social dos Luiz Carlos Prestes³⁷. E, para Décio Azevedo Marques de Saes, o tenentismo estaria dividido numa ala liberal, que representaria as classes médias tradicionais e uma "ala nacionalista", que expressaria as reivindicações das baixas classes médias, sendo que a primeira teria permanecido subordinada às elites agrárias, e a segunda constituiria uma resposta militar às demandas nacionalistas e industrializantes das baixas classes médias na conjuntura da crise do capitalismo agrário-exportador³⁸.

O estudo que empreendemos do tenentismo e das suas principais características* nos fornece elementos para discordar dessas tentativas de identificação de tendências no seu interior, procedimento que, na verdade, contribuiu para a formação de uma visão simplificadora do fenômeno em questão. A nosso ver, esses intentos pecam por uma certa preocupação de encaixar a realidade em esquemas artificiais e excessivamente rígidos, levando os seus autores a atribuir aos "tenentes" posicionamentos que, na verdade, eles não tiveram.

*. Ver o Capítulo II.

Finalmente, há que considerar a diversificada produção historiográfica referente à chamada "Revolução de 30", na qual se destaca a tese tradicional que encara os acontecimentos de outubro de 1930 como a consecução da suposta revolução burguesa. Trata-se da já comentada visão "dualista" de toda uma corrente importante em nossa historiografia (Virgínio Santa Rosa, Nelson Werneck Sodré, Edgar Carone, Leônício Basbaum, Wanderley Guilherme dos Santos etc.) cuja interpretação dos acontecimentos de 1930 se resume, em última instância, em afirmar a ascensão da burguesia industrial ao poder, seja através de seus representantes diretos, seja por intermédio das camadas médias urbanas, representadas pelos "tenentes".

Na crítica ao "dualismo" tiveram importância considerável os trabalhos de uma série de autores, como Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Boris Fausto, Paulo Sérgio Pinheiro, Wilson Cano, Sérgio Silva etc.³⁹, muitos dos quais revelaram a preocupação de estudar os caminhos da implantação do capitalismo no Brasil. Esses trabalhos — em particular os que tratam do surgimento da *burguesia cafeeira* paulista — foram um ponto de partida importante para a rediscussão dos acontecimentos de 1930 e, em especial, de uma suposta revolução burguesa no Brasil.

Boris Fausto, por exemplo, mostra como a burguesia cafeeira estaria no poder desde a proclamação da República, sendo que a burguesia industrial não teria interesse em substituí-la, pois "dadas as características da formação social do país, na sua metrópole interna há uma complementaridade básica entre interesses agrários e industriais". Para o autor, "o colapso da burguesia do café", em 1930, e a "incapacidade das demais facções de classe" para assumir o poder em caráter exclusivo teriam levado à única resposta possível: a formação do que ele chama de *Estado de compromisso*, no qual estariam representados "em equilíbrio instável, contando com o apoio das classes médias de todos os centros urbanos", "o setor militar, agora ampliado com alguns quadros superiores, e as classes dominantes regionais"⁴⁰.

Não obstante o indiscutível avanço representado por contribuições como a de Florestan Fernandes, que levaram a repensar a problemática da revolução burguesa no Brasil, passando a compreendê-la como um processo complexo e gradual de transição para o capitalismo⁴¹, a produção historiográfica sobre os acontecimentos de 1930 no Brasil ainda se ressentia, a nosso ver, de uma deficiência fundamental: suas análises continuam a ser feitas sem um embasamento teórico-científico sólido, segundo concepções superadas e que não dão mais conta das transformações ocorridas no país*.

* No Capítulo I apresentamos a nossa visão sobre o assunto.

Considerando ainda a historiografia sobre a "Revolução de 30", deve-se mencionar uma corrente interpretativa representada por autores que trabalham na Universidade de Campinas (Unicamp), como Edgar de Decca e Ítalo Tronca, para os quais o proletariado e o movimento popular teriam tido uma participação importante no movimento de 30⁴². Tais autores não chegam, entretanto, a apresentar elementos convincentes para comprovar suas teses, que, na realidade, entram em flagrante conflito com tudo que se conhece a respeito da real correlação de forças sociais no final dos anos 20 no Brasil e, particularmente, da participação limitada da classe operária no movimento de 30. A visão dos acontecimentos de 30 como um suposto golpe preventivo da burguesia contra o movimento operário, que constituiria uma séria ameaça à dominação burguesa, não se sustenta diante da evidência dos fatos. Os autores de Campinas têm o objetivo de criticar a estratégia do PCB e a sua política nos anos 20, mas o subjetivismo a que são levados em suas interpretações termina por invalidar seus intentos críticos.

O marxismo como método de análise histórica

Ao pretendermos resgatar a História da Coluna Prestes do esquecimento a que foi relegada, recorreremos a novas fontes de pesquisa, dentre as quais se destacam os depoimentos de Luiz Carlos Prestes por nós gravados, as entrevistas com alguns outros participantes da Coluna e do movimento tenentista, e os relatórios militares das forças que perseguiram os rebeldes durante o seu período pelo Brasil.

No trabalho com estas fontes surgiria a questão da metodologia a empregar. Um ponto de partida importante para nós reside na aceitação da compreensão da História postulada por Pierre Vilar: a História como "uma ciência em construção"⁴³, ou seja, entender que esse campo do conhecimento humano é regido por leis que podem ser desvendadas, tendo, portanto, condições de vir a ser ciência.

Concordamos com Pierre Vilar quando ele afirma que "a história deveria ser reconhecida como a única ciência ao mesmo tempo global e dinâmica das sociedades e, conseqüentemente, como a única síntese possível das outras ciências humanas"⁴⁴.

Segundo esse historiador marxista, a melhor maneira de dominar a História, obedecendo-a, é "ter dela plena consciência. Trata-se, portanto, de esforçar-se por *pensá-la teoricamente* (em vez de deixar-se arrastar empiricamente por ela)"⁴⁵. Para Vilar, é o

marxismo que corresponde à própria definição de ciência: tentar a experiência com base numa teoria, e modificar a teoria na medida em que a prática o exige"⁴⁶.

Ciro Flamarion S. Cardoso destaca:

"O raciocínio marxista na história exige a busca e o enunciado de leis do desenvolvimento histórico-social. O materialismo histórico, com efeito, se apresenta como uma série de enunciados de leis que integram uma teoria geral da dinâmica social, reunindo numa visão global os vínculos entre os diferentes níveis do social em movimento (e os do social com a natureza)."⁴⁷

A nosso ver, é importante considerar um aspecto sublinhado por esse autor: a união dos enfoques *genético* e *estrutural* no que ele denomina uma "visão realmente integrada do desenvolvimento histórico-social, segundo certos princípios que podem ser traduzidos em normas metodológicas para a pesquisa"⁴⁸. Esses princípios seriam os seguintes:

1. a realidade social em mutação em todos os níveis;
2. a mudança social está submetida a leis cognoscíveis;
3. a mudança social conduz a equilíbrios relativos (instáveis, contraditórios) que configuram um sistema de formas e relações recíprocas (estruturas) entre elementos do social, com vigência por períodos de tempo às vezes longos, e regido por leis específicas;
4. as leis da mudança explicam também as transições de uma ordem estrutural a outra.

Assim, o materialismo histórico reconhece tanto leis dinâmicas como leis estruturais."⁴⁹

Segundo Pierre Vilar, para um historiador marxista, "a pesquisa histórica é o estudo dos mecanismos que vinculam a dinâmica das estruturas — quer dizer, as modificações espontâneas dos fatos sociais de massas — à sucessão dos acontecimentos"⁵⁰. Não pretendemos realizar aqui uma análise aprofundada da problemática que envolve três conceitos fundamentais para um historiador marxista — *história*, *estrutura* e *conjuntura* —, sendo que também neste aspecto a contribuição de Pierre Vilar é lapidar⁵¹. Assim, ele propõe buscar, no espaço e no tempo, "o marco legítimo de modelo estrutural utilizável na história", e conclui que "até agora, o melhor marco parece ser o proposto por Marx: a noção de 'modo de produção'"⁵². Diz ainda:

"O modo de produção é, pois, quase por definição, uma estrutura, e se nesta estrutura há diferentes 'níveis' (econômico, sócio-político, espiritual), estes níveis são *interdependentes*, inclusive quando manifestam, em tal ou qual fase do seu desenvolvimento, uma certa tendência à autonomia."⁵³

É preciso, entretanto, e ainda de acordo com Pierre Villar, ter presente que "o estudo histórico é um estudo de *movimento*, de *mudança*. Por este motivo (e Marx o demonstrou com grande brilhantismo): 1. a *estrutura de um modo de produção é uma estrutura de funcionamento* (e não uma simples questão de 'relações' e de 'proporções' estáticas); e 2. a estrutura de funcionamento de um modo de produção *comporta e gera* contradições, e o continuará fazendo enquanto não se tratar de um modo de produção *totalmente* consciente e científico"⁵⁴.

A seguir, Pierre Vilar acrescenta:

"No terreno econômico, estas contradições geram *crises* e, no terreno social, lutas de classes.

Pois bem, as *desestruturas* e as *reestruturas* em que consiste a história se desencadeiam através do jogo das crises e das lutas de classes combinadas.

Concluindo: o conhecimento de uma estrutura (sob a forma de um esquema fundamental) é *necessário*; mas não é *suficiente* para o historiador."⁵⁵

Para o entendimento da *dinâmica* da História, sem a qual não se pode sequer falar em História, é fundamental o conceito de *conjuntura*. Pierre Vilar também o define da seguinte maneira:

"No sentido mais geral, a 'conjuntura' é o *conjunto das condições articuladas entre si* que caracterizam um *momento* no movimento global da matéria histórica. (...) No seio do que chamamos a 'estrutura' de uma sociedade, cujas relações fundamentais e cujo princípio de funcionamento são relativamente estáveis, têm lugar em contrapartida uns movimentos incessantes que resultam deste mesmo funcionamento e que modificam a todo momento o caráter destas relações, a intensidade dos conflitos, as relações de força. Para o homem de ação, examinar a conjuntura equivale a definir o momento."⁵⁶

Para o historiador marxista, portanto, a conjuntura é a expressão de um momento da estrutura. "Conjunturas e estruturas não são duas noções estranhas entre si; são dois aspectos de fenômenos comuns."⁵⁷ Pierre Vilar destaca ainda:

"Com a condição de que seja pensado *dentro de um tipo de estrutura* (modo de produção feudal, capitalista, de transição etc.), o *movimento conjuntural* constitui parte das análises do historiador."⁵⁸

A História como ciência em construção; a História, numa concepção marxista, que combina os enfoques genético e estrutural; a História como movimento, como mudança, para a compreensão de cuja dinâmica é necessário estudar as estruturas e conjunturas em sua interligação — eis alguns aspectos de uma concepção glo-

bal, que nos serviu de ponto de partida em nosso trabalho de pesquisa e de escrita da História da Coluna Prestes. Poderíamos acrescentar outros aspectos, como, por exemplo, o reconhecimento da *necessidade histórica* ou de um *determinismo amplo*⁵⁹, com a consequente aceitação de que a História é regida por leis que refletem a causalidade presente nas sociedades humanas. Aliás, quando falamos em História, temos em vista que, em geral, os acontecimentos históricos têm causas múltiplas, que devem ser analisadas conjuntamente e em sua interação. Como é apontado por E. H. Carr, "o historiador lida com uma multiplicidade de causas"⁶⁰.

No que se refere ao problema do *historicismo*, mais uma vez concordamos com Pierre Vilar, quando ele afirma que "a história não pode ser um simples *retábulo* das instituições, nem um simples *relato* dos acontecimentos, mas não pode desinteressar-se destes fatos que vinculam a vida cotidiana dos homens à dinâmica das sociedades das quais fazem parte"⁶¹. Em outras palavras, rejeitamos a história "narrativa", mas não desprezamos os fatos, que não devem ser banidos da verdadeira História. Para o marxismo, toda estrutura "é inseparável de sua gênese, evolução e superação"⁶². Entretanto, se a História for encarada como mera "sucessão linear de acontecimentos, separada da teoria, ou a partir de uma concepção idealista ou filosófica", será insuficiente para perceber a estrutura⁶³.

O papel do indivíduo na História e a nossa pesquisa

A circunstância de os depoimentos de um homem destacado, um líder de renome, como é o caso de Luiz Carlos Prestes, serem a principal fonte de nossa pesquisa sobre a Coluna Prestes, poderia levar à suspeita de que nossa pretensão seria fazer a história dos grandes vultos, dos grandes homens. Correríamos o risco de cair na armadilha do que Philippe Joutard chamou "a história 'fáctica' dos grandes homens"⁶⁴, um dos perigos que esse autor, especialista em História Oral, observou na prática da utilização dessa técnica de pesquisa.

Analisando a experiência norte-americana nesse campo, Philippe Joutard assinala que, com frequência, "as entrevistas procuram antes estabelecer os 'fatos' ou as motivações conscientes do que detectar *as representações mentais ou o ambiente*, e os informantes são escolhidos porque desempenharam um papel, por menor que seja, nos acontecimentos e não como reflexo da vida cotidiana ou por serem representativos do norte-americano médio"⁶⁵.

Em nosso caso, tornou-se impossível, passados mais de sessenta anos dos acontecimentos estudados, realizar um grande número de entrevistas com os ex-combatentes da Coluna Prestes ou com os seus ex-comandantes, uma vez que, mesmo entre os soldados que realizaram a Marcha, restam vivos muito poucos e, na maioria dos casos, em condições de saúde precárias. A única opção viável era gravar os depoimentos de Luiz Carlos Prestes e de alguns poucos ex-combatentes ainda vivos, assim como tentar resgatar o que fosse possível da *tradição oral* sobre esse episódio do tenentismo⁶⁶.

Partindo dos depoimentos de Prestes e comparando-os cuidadosamente com outras fontes, adotamos a postura metodológica marxista em relação ao papel do indivíduo na História. Sem negar o papel dos grandes homens no curso dos acontecimentos históricos, procuramos entender sua ação individual "no contexto de determinações mais amplas: a família, a tribo ou a comunidade nas sociedades primitivas, as classes sociais e a luta de classes nas sociedades classistas. O indivíduo é a *criatura* das relações de classe, embora não tenha, necessariamente, consciência disto. Suas condições de vida, sua ideologia, são profundamente influenciadas e, até certo ponto, determinadas pelos interesses e relações de classe"⁶⁷.

Como destaca Pierre Vilar:

"Não é que o homem não intervenha: 'os homens fazem sua própria história'. Mas o resultado, estatístico e combinatório, de suas ações e decisões conjugadas lhes escapa e se converte num *fenômeno objetivo*."⁶⁸

O grande homem é a expressão de uma realidade, ele surge como uma necessidade histórica. Se não fosse ele, seria um outro que desempenharia papel análogo. Por isso mesmo, ele só pode ser analisado e entendido no contexto histórico em que foi criado e desenvolve sua ação. Frequentemente, os líderes, os grandes homens são "empurrados", "levados", pelos acontecimentos, sem chegarem a adquirir consciência do papel histórico que estão desempenhando.

Em nossa pesquisa, verificamos que Prestes e os demais comandantes da Coluna não tiveram, naquela época, a consciência do papel que desempenhavam, sendo efetivamente "empurrados" pelas contingências históricas. Seu papel destacado na História do país decorria de uma situação concreta, de uma necessidade histórica, que levou a que fosse depositada em seus ombros a missão de liderança do movimento social então em curso.

A História Oral como técnica de pesquisa

Ao abordar a *História Oral*, partimos do princípio de que se trata de uma técnica, de uma maneira especial de coletar informações, e jamais de uma especialização, como seria o caso, por exemplo, da História Econômica⁶⁹. Segundo Philippe Joutard, "a história oral é a utilização sistemática da entrevista oral pelo historiador"⁷⁰.

No Brasil, essa técnica já vem sendo introduzida há alguns anos. O CPDoc/FGV, que desde 1975 realiza um programa de entrevistas gravadas, dá a seguinte definição de História Oral:

"É a gravação e processamento de conjuntos de depoimentos de atores ou testemunhas de fenômenos sociais significativos, cujo registro se perderia pela carência ou insuficiência de fontes históricas alternativas."⁷¹

Segundo uma das pesquisadoras do CPDoc/FGV, a História Oral significa "a história viva, obtida do diálogo espontâneo entre o especialista e o ator ou testemunha dos acontecimentos que marcaram época. Em outros termos, é a *história* reconstituída pela comunicação falada, *oral*"⁷².

Como toda técnica, a História Oral deve ser empregada corretamente, com propriedade, o que é destacado por aqueles especialistas que escreveram sobre o assunto⁷³. E uma das mais importantes condições para a eficácia do método reside na *comparação* do depoimento oral com outras fontes e, nas sociedades contemporâneas, prioritariamente com os documentos escritos. Como diz Philippe Joutard, "um testemunho oral só adquire sua verdadeira significação se comparado com o documento escrito; ambos se interpenetram mutuamente"⁷⁴.

O pesquisador francês Daniel Bertaux, seguindo a mesma linha de pensamento, chega a fazer uma distinção entre o que ele chama de "life story" — a narrativa oral, que deve ser complementada por outras fontes — e o que denomina de "life history", ou seja, a História resultante dessa interação. Na realidade, para esse autor, os depoimentos orais são importantes para que se possa escrever a História, mas jamais devem ser considerados por si mesmos, isolados do contexto. Evidencia-se, assim, a preocupação em não cair numa postura positivista, ou empiricista, de culpar os "fatos", nem, no outro extremo, num teorismo absoluto, marcado pelo desprezo da realidade objetiva, do que realmente aconteceu. Todo relato tem sua carga de subjetividade, a qual deve ser avaliada pelo historiador, que realiza a sua análise

interna e compara-o com outras fontes, principalmente com a documentação escrita disponível⁷⁵.

O depoimento oral é um documento histórico — uma fonte de pesquisa — como outro qualquer. Deve ser, portanto, encarado, analisado, comparado e criticado como se faz com todo documento histórico. O que não significa que se deva desprezar suas especificidades. E, dentre elas, cabe destacar as imensas possibilidades que se criam, a partir da entrevista oral com pessoas que viveram determinados episódios, de situar no centro dos acontecimentos aqueles que efetivamente deles participaram, aqueles que na verdade fizeram a História. Como destaca Paul Thompson, o emprego da História Oral permite que se possa comparar a História oficial, escrita pelos “de cima”, com a não oficial, vivida pelos “de baixo”, pelos que não tiveram condições de imprimir sua marca no curso do desenrolar histórico⁷⁶. O historiador adquire a oportunidade de misturar-se, de fundir-se com os verdadeiros protagonistas da História⁷⁷.

Ao mesmo tempo, a entrevista, o depoimento oral, é o resultado de uma relação, de uma interação entre o entrevistador e o entrevistado, em que a subjetividade de ambos não pode deixar de ter certa influência. Não existe a entrevista *bruta*, pois todo depoimento é produzido em determinadas condições, em função de um determinado objetivo explícito ou implícito⁷⁸. Por outro lado, nenhum entrevistador é neutro — mesmo quando pensa que o é —, e toda entrevista resulta de um projeto seu, que também pode ser explícito ou implícito. Quando não há um projeto *teórico* norteando a tomada do depoimento, estará presente uma concepção implícita, que não deixará de marcar a produção do documento oral.

Por essas razões, a História Oral como técnica só atinge resultados compensadores para a produção de uma “história da sociedade em movimento”⁷⁹ quando se tem como pressuposto, como ponto de partida para a realização das entrevistas programadas, um projeto teórico, ou seja, uma proposta, fruto de uma determinada concepção que permita compreender e explicar a realidade histórica em que os acontecimentos vividos pelo entrevistado ocorreram. Como diz Philippe Joutard, o historiador não deve pretender ser um “porta-voz da evidência”, uma vez que tal aspiração não só é inteiramente inexistível, como entra em flagrante contradição com a própria prática da História Oral, com o “caráter radicalmente novo do documento oral, o qual introduz uma nova subjetividade, que as fontes anteriores não possuíam”⁸⁰.

Queremos destacar ainda que o nosso objetivo não se limita a tentar resgatar a *memória* da Coluna Prestes através dos depoi-

mentos dos seus participantes. Como assinala Emília Viotti da Costa, “o fundamental é não perder de vista o processo histórico e as estruturas significativas da sociedade”, sendo que “a tarefa do historiador (...) deve ser a reconstituição do processo pelo qual as várias falas se articulam fazendo a história” ou o estabelecimento de “uma visão totalizadora dos acontecimentos, que incorpore os vários discursos”⁸¹.

O nosso trabalho com Luiz Carlos Prestes e os seus depoimentos

Nas entrevistas feitas com Luiz Carlos Prestes — a principal fonte da nossa pesquisa sobre a Coluna Prestes —, procuramos levar em conta uma série de aspectos, que nos pareceram pertinentes no emprego da História Oral.

Em primeiro lugar, partimos da necessidade do preparo prévio do entrevistador, que não só deve conhecer bastante o assunto que vai ser tratado nas entrevistas, como também possuir um projeto teórico, que norteie o seu trabalho, direcionando suas perguntas*. No contato com o entrevistado, o entrevistador poderá mudar de opinião, o que não o dispensa de ter uma visão prévia dos problemas a serem examinados na entrevista. Foi dentro dessa perspectiva que nos preparamos para as primeiras abordagens de Prestes.

Em segundo lugar, procuramos garantir a espontaneidade do entrevistado no curso das entrevistas, dando-lhe oportunidade para falar livremente, externando suas opiniões ampla e detidamente.

Em terceiro lugar, iniciamos o nosso trabalho pela realização de entrevistas do tipo denominado pelo CPDoc/FGV *história de vida*⁸², cujo objetivo é cobrir as diferentes etapas de uma trajetória política. Com esse tipo de entrevista, obtivemos um depoimento global, que não só informa sobre a Coluna Prestes, mas fornece elementos sobre toda a vida de nosso entrevistado, incluindo aspectos da sua personalidade. Além disso, cria-se assim uma fonte histórica que poderá servir a outros pesquisadores. Levamos em consideração que a História Oral deve “recolher um material virgem que possa ser utilizado posteriormente”⁸³.

Em quarto lugar, ao entrevistar Prestes e, principalmente, ao tentar analisar e compreender suas entrevistas, procuramos levar em conta sua psicologia, suas características pessoais e biográficas

* A nossa visão teórica da problemática da República Velha e do tenentismo está exposta na Parte I.

e, ao mesmo tempo, evitar ao máximo o nosso envolvimento pessoal e emocional com ele. A esse respeito, podemos dizer que nos consideramos suficientemente capazes de manter uma postura crítica e independente em relação ao nosso entrevistado.

Em quinto lugar, como toda e qualquer fonte histórica, os depoimentos de Prestes foram por nós comparados com outras fontes e submetidos à crítica interna. Neste particular, é especialmente interessante a sua comparação com os livros de memórias de antigos comandantes da Coluna (ou do levante de São Paulo), da mesma maneira que com depoimentos concedidos por ex-combatentes da Coluna ao CPDoc/FGV. São dignos de destaque, por exemplo, os livros escritos por Juarez Távora, João Alberto Lins de Barros e João Cabanas e os depoimentos de Osvaldo Cordeiro de Farias, Aristides Correia Leal e Nelson de Mello⁸⁴. Entre os vários aspectos a ressaltar, é muito interessante notar como são inteiramente omitidos, por alguns dos seus protagonistas, episódios importantes, às vezes decisivos, da História da Coluna. O que vem confirmar o valor das omissões, dos silêncios, para o historiador, levando-o a considerar "o falso como significativo", nas palavras de Philippe Joutard⁸⁵.

Em sexto lugar, não nos limitamos a realizar com Prestes entrevistas do tipo *história de vida*. A possibilidade de acesso permanente ao nosso entrevistado foi uma das grandes vantagens do trabalho por nós empreendido. Assim, de tempos em tempos, fizemos novas entrevistas com Prestes sobre questões particulares, específicas ou sobre dúvidas surgidas no decorrer das pesquisas desenvolvidas. Com isso, tornou-se possível comparar depoimentos concedidos em momentos diferentes e, ao mesmo tempo, dar ao entrevistado a oportunidade de recordar questões ou episódios que haviam ficado esquecidos numa primeira tomada de entrevistas ou abordar novos ângulos de problemas que já haviam sido vistos.

Em sétimo lugar, dentro dessa perspectiva de realizar entrevistas de vários tipos, partimos para uma variante original de entrevista temática. Prestes gravou suas impressões atuais sobre dois livros fundamentais para o estudo da Coluna: o de Lourenço Moreira Lima e o de S. Dias Ferreira⁸⁶. Este trabalho foi feito a partir da releitura cuidadosa dessas duas obras por parte do nosso entrevistado, que nos concedeu uma série de entrevistas, analisando e opinando sobre cada um dos seus capítulos. Dessa forma, sua memória foi reavivada e pudemos obter novas informações, assim como apreciações extremamente interessantes sobre acontecimentos, pessoas e períodos históricos. Acreditamos que esta seja uma forma nova e original de efetuar o trabalho de comparação entre diferentes fontes históricas.

Em oitavo lugar, no caso específico do nosso entrevistado, é possível comparar suas entrevistas recentes com aquelas publicadas na imprensa brasileira a partir de 1927, quando a Coluna se exilou na Bolívia. E da comparação surge uma conclusão sumamente interessante: no fundamental, as informações e os comentários feitos por Prestes são os mesmos. Temos aí um elemento comprobatório da veracidade histórica de muitos dados extraídos dos depoimentos atuais do nosso principal protagonista.

Em nono lugar, foi importante comparar os depoimentos de Prestes com os de outros participantes da Coluna. Lamentavelmente, esse procedimento só é possível com poucas entrevistas, gravadas pela equipe do CPDoc/FGV, de pessoas em sua maioria já falecidas⁸⁷, da mesma forma que com alguns depoimentos por nós recolhidos junto a ex-combatentes da Marcha residentes no Rio Grande do Sul⁸⁸, cujas condições de saúde, entretanto, são, na maioria dos casos, muito precárias.

Em décimo lugar, os depoimentos de Prestes foram comparados com todos os tipos de fontes escritas a que pudemos ter acesso, incluindo debates parlamentares, relatórios do Ministério da Guerra e dos presidentes de Estados, a imprensa da época, livros de memórias e, em particular, os relatórios dos comandantes militares que perseguiram a Coluna em sua Marcha pelo Brasil. Cabe ressaltar que esses relatórios — embora pouco numerosos, pois continua vetado ao público o acesso, nos arquivos do Ministério da Guerra, à documentação referente à campanha militar movida pelo governo Artur Bernardes contra a Coluna Prestes — constituíram uma fonte inédita, inexplorada por outros pesquisadores e de inestimável valor no trabalho que realizamos ao elaborar a nossa versão da História da Coluna Prestes⁸⁹.

Defrontamo-nos também com a questão da *memória coletiva* sobre a Coluna Prestes. Partimos da concepção moderna de *memória coletiva*, definida por Pierre Nora da seguinte maneira:

“A memória coletiva é a recordação ou o conjunto de recordações, conscientes ou não, de uma experiência vivida e/ou mitificada por uma coletividade vivente, de cuja identidade o sentimento do passado faz parte integrante.”⁹⁰

Levando em conta os estudos sobre a chamada *tradição oral*⁹¹, problema estreitamente interligado ao da *memória coletiva*, verificamos que a História da Coluna também poderia ser estudada sob esse prisma. Seria interessante comparar os depoimentos de Prestes com entrevistas colhidas junto a remanescentes da época, que ainda se recordam da passagem da Coluna por diferentes pontos do país, ou ainda junto a pessoas que são apenas portadoras da

tradição oral que se formou e perdura em muitos lugares do Brasil a respeito da Coluna, dos seus feitos e dos seus comandantes.

Por uma questão de tempo e de falta de recursos materiais, não foi possível realizar esse tipo de trabalho de forma sistemática e abrangente, mas chegamos a introduzir alguns elementos de *memória coletiva* e/ou *tradição oral* em nossa pesquisa. Com esse intuito, realizamos algumas entrevistas com antigos moradores em cidades do interior do Rio Grande do Sul e do Piauí, lugares por onde a Coluna passou. Da mesma forma, recorremos a entrevistas colhidas por outros pesquisadores, ainda que com finalidades distintas das nossas. Além disso, consideramos as repercussões da Coluna na literatura de algumas regiões do País, como é o caso, principalmente, do Piauí, onde é evidente que a passagem da Coluna deixou marcas profundas e indeléveis, que até hoje perduram com bastante força.

Por último, cabe assinalar que seria muito interessante investigar as repercussões internacionais da Coluna Prestes. A imprensa da época, principalmente dos países do continente americano e da Europa Ocidental, poderia fornecer-nos um panorama surpreendente, pois, segundo informações de que dispomos, os feitos da Coluna e o nome de Luiz Carlos Prestes eram conhecidos e admirados em alguns desses países ainda no final da década de 30⁹². A realização de semelhante pesquisa ultrapassaria, contudo, os marcos deste livro.

NOTAS

1 - MOREIRA LIMA, Lourenço. *A Coluna Prestes (Marchas e Combates)*. 3ª ed., São Paulo, Alfa-Ômega, 1979.

2 - FERREIRA, S. Dias (e Sady Valle Machado). *A Marcha da Coluna Prestes*. Pelotas, Livraria Globo, 1928.

3 - TÁVORA, Juarez. *A Guisa de Depoimento sobre a Revolução Brasileira de 1924*, v. 3. Rio de Janeiro, Mendonça, Machado & C., 1928.

4 - Cf. TÁVORA, Juarez. *Uma Vida e Muitas Lutas — Memórias*, v. 1. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973; v. 2. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974; v. 3. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1977.

5 - Cf. CAMARGO, Aspásia e GÓES, Walder de (org.). *Meio Século de Combate: Diálogo com Cordeiro de Farias*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

6 - LINS DE BARROS, João Alberto. *Memórias de um Revolucionário*. 1ª parte: A Marcha da Coluna. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1953.

7 - Cf. MOREIRA LIMA, Lourenço. Op. cit., p. 241.

PRESTES, L. C. Informação prestada à autora.

- 8 - Cf. MACAULAY, Neill. *A Coluna Prestes*. Trad. de Flora Machman, São Paulo, Difel, 1977.
- 9 - Cf. COSTA E SILVA, Artur da. *Discurso*. In: *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28/5/1964, pp. 7-8.
- 10 - *Cadernos de Debate*, nº 1 — História do Brasil, São Paulo, Brasiliense, 2ª ed., 1976, p. 49.
- 11 - CARNEIRO, Glauco. *O Revolucionário Siqueira Campos*. 2 volumes. Rio de Janeiro, Record, 1966, pp. 30-31.
- 12 - MOREIRA LIMA, Lourenço. Op. cit.
- 13 - Cf. FERREIRA, S. Dias. Op. cit.
- LANDUCCI, Ítalo. *Cenas e Episódios da Revolução de 1924 e da Coluna Prestes*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1952.
- TÁVORA, Juares. Op. cit.
- LINS DE BARROS, João Alberto. Op. cit.
- CAMARGO, Aspásia e GÔES, Walder de (org.). Op. cit.
- 14 - Cf. KLINGER, Bertoldo. *Narrativas Autobiográficas*. v. 3: Tempo quente de major. Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1948; v. 4: 380 léguas de campanha em 3 meses. Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1949; *Parada e Desfile de uma Vida de Voluntário do Brasil*; na primeira metade do século. Rio de Janeiro, Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1958.
- VIVEIROS, Ester de. *Rondon Conta sua Vida*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1958.
- COUTINHO, Lourival. *O General Góes Depõe...* Rio de Janeiro, Livr. Ed. Coelho Branco, 1955.
- ANDRADE, Paulo René de. *Três Revoluções: a atuação da Polícia Militar de Minas Gerais, a antiga Força Pública, nos movimentos revolucionários de 1924, 1930 e 1932*. v. 1. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1976; v. 2. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1978.
- 15 - Cf. BASTOS, Abgaur. *Prestes e a Revolução Social*. Rio de Janeiro, Ed. Calvino, 1946.
- SANTA ROSA, Virgínio. *O Sentido do Tenentismo*. 3ª ed. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976.
- OLIVEIRA, Nelson Tabajara de. *1924 — a Revolução de Isidoro*. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1956.
- SILVA, Hélio. 1926: *A Grande Marcha*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971. (O ciclo de Vargas, 2).
- CARONE, Edgar. *O Tenentismo: acontecimentos — personagens — programas*. São Paulo, Difel, 1975; *A República Velha — I — (instituições e classes sociais) (1889-1930)*. 4ª ed. São Paulo, Difel, 1978; *A República Velha — II — (evolução política) (1889-1930)*. 3ª ed. São Paulo, Difel, 1977.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A Coluna Prestes: análise e depoimentos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978; *História Militar do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- MACAULAY, Neill. Op. cit.
- DRUMMOND, José Augusto. *A Coluna Prestes: rebeldes errantes*. São Paulo, Brasiliense, 1985. (Tudo é história, 103).
- 16 - SANTA ROSA, Virgínio. Op. cit., p. 54.
- 17 - SODRÉ, Nelson Werneck. *A Coluna Prestes*. Op. cit., p. 32.
- 18 - SODRÉ, Nelson Werneck. Prefácio. In: SANTA ROSA, Virgínio. Op. cit., p. XVII.

19 - Cf. CARONE, Edgar. Op. cit.

BASBAUM, Ickônio. *História Sincera da República*; de 1889 a 1930. 4ª ed. t. 2. São Paulo, Alfa-Ômega, 1981.

BASTOS, Abguar. Op. cit.

JAGUARIBE, Hêlio. *Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Político*. Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 1962.

RAMOS, Guerreiro. *Crise do Poder no Brasil*; Problemas da Revolução Nacional Brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1961.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Introdução ao Estudo das Contradições Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro, ISEB, 1963.

20 - FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*; historiografia e história. São Paulo, Brasiliense, 1970, p. 9.

21 - BEIGUELMAN, Paula. "A propósito de uma interpretação da História da República". In: *Pequenos Estudos em Ciência Política*, 2ª ed. São Paulo, Pioneira, 1973, p. 92.

22 - Cf. CAMPELLO DE SOUZA, Maria do Carmo. O processo político partidário na Primeira República. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em Perspectiva*, 4ª ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973. SAES, Décio Azevedo Marques de. *O Civilismo das Camadas Médias Urbanas na Primeira República Brasileira (1889-1930)*. Campinas, Cadernos do IFCH da UNICAMP, 1973, nº 1.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*; historiografia e história. Op. cit.; *Pequenos Ensaios de História da República (1889-1945)*. São Paulo, CEBRAP, 1972; "Expansão do café e política cafeeira". In: *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, 1975, t. 3: O Brasil Republicano; v. 1: Estrutura de poder e economia.

COELHO, Edmundo Campos. *Em Busca de Identidade*; o exército e a política na sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1976.

CARVALHO, José Murilo de. As forças armadas na Primeira República: o poder desestabilizador. In: FAUSTO, Boris (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, 1977, t. 3: O Brasil Republicano; v. 2: Sociedade e instituições.

LIMA FIGUEIREDO, Eurico de (org.). *Os Militares e a Revolução de 30*. Trad. de J. A. Drummond. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

DRUMMOND, José Augusto. *A Coluna Prestes*; rebeldes errantes. Op. cit.; *O Movimento Tenentista*; intervenção militar e conflito hierárquico (1922-1935). Rio de Janeiro, Graal, 1986.

23 - Cf. SAES, Décio. *Classe Moyenne et Système Politique au Brésil*. Paris, 1974. (Thèse de Doctorat de 3^e Cycle, École Pratique des Hautes Études). Apud FORJAZ, Maria Cecília Spina. *Tenentismo e Forças Armadas na Revolução de 30*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1989, p. 181.

24 - FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*; historiografia e história. Op. cit., p. 62.

25 - FAUSTO, Boris. *Pequenos Ensaios de História da República (1889-1945)*. Op. cit., p. 30.

26 - FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*; historiografia e história. Op. cit., p. 57.

27 - Id., *ibid.*, pp. 57-58.

28 - COELHO, Edmundo Campos. Op. cit., p. 87.

29 - DRUMMOND, José Augusto. *A Coluna Prestes*; rebeldes errantes. Op. cit., p. 18.

30 - Cf. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Política e Trabalho no Brasil*; dos anos vinte a 1930. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975; Classes médias urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da*

Civilização Brasileira, São Paulo, Difel, 1977, t. 3: O Brasil Republicano; v. 2: Sociedade e instituições, pp. 7-92.

CORRÊA, Anna Maria Martinez. *A Rebelião de 1924 em São Paulo*. São Paulo, Hucitec, 1976.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. *Tenentismo e Política*; tenentismo e camadas médias urbanas na crise da Primeira República. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977; *Tenentismo e Aliança Liberal* (1927-1930). São Paulo, Polis, 1978; *Tenentismo e Forças Armadas na Revolução de 30*. Op. cit.

31 - PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Política e Trabalho no Brasil*; dos anos vinte a 1930. Op. cit., p. 53.

32 - CORRÊA, Anna Maria Martinez, Op. cit., p. 20.

33 - FORJAZ, Maria Cecília Spina. *Tenentismo e Política*; tenentismo e camadas médias urbanas na crise da Primeira República. Op. cit., pp. 23-27.

34 - Id., ibid., p. 28.

35 - Id., ibid., p. 31.

36 - FAUSTO, Boris. *Pequenos Ensaios de História da República* (1889-1945). Op. cit., pp. 31-32.

37 - CARONE, Edgar. *O Tenentismo*; acontecimentos — personagens — programas. Op. cit., p. 10.

38 - Cf. FORJAZ, Maria Cecília Spina. *Tenentismo e Forças Armadas na Revolução de 30*. Op. cit., p. 181.

39 - Cf. FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*; ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*; o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

FAUSTO, Boris. Op. cit.

PINHEIRO, Paulo Sérgio, Op. cit.

CANO, Wilson. *Razes da Concentração Industrial em São Paulo*. São Paulo, Difel, 1977.

SILVA, Sérgio. *Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976.

40 - FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*; historiografia e história. Op. cit., pp. 112 e 113.

41 - Cf. FERNANDES, Florestan. Op. cit.

42 - Cf. DECCA, Edgar Salvador de. *O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo, Brasiliense, 1981; *O Nascimento das Fábricas*. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Tudo é história, 51).

TRONCA, Ítalo. *Revolução de 1930*; a dominação oculta. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Tudo é história, 42).

43 - VILAR, Pierre. História marxista, história em construção. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (org.). *História: Novos Problemas*. 2ª ed. Trad. de Theo Santiago. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979, pp. 146-178.

44 - VILAR, Pierre. Problèmes théoriques de l'historio économique. In: BERQUE, J. et alii. *Aujourd'hui l'Histoire*. Paris, Editions Sociales, 1974. Apud CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Introducción al Trabajo de la Investigación Histórica*; conhecimento, método e história. 2ª ed. Barcelona, Ed. Crítica, 1982, p. 99.

45 - VILAR, Pierre. *Desenvolvimento Econômico e Análise Histórica*. Trad. de E. Nogueira e C. Jardim. Lisboa, Ed. Presença, 1982, p. 182.

46 - Id., ibid., p. 182.

- 47 - CARDOSO, Ciro Flamarion S. Op. cit., p. 121.
- 48 - Id., ibid., p. 122.
- 49 - Id., ibid., p. 122.
- 50 - VILAR, Pierre. *Iniciación al Vocabulario del Análisis Histórico*. 4ª ed. Trad. de M. Dolors Folch. Barcelona, Ed. Crítica, 1982, p. 47.
- 51 - Id., ibid., ver os Capítulos 1, 2 e 3.
- 52 - Id., ibid., p. 67.
- 53 - Id., ibid., p. 68.
- 54 - Id., ibid., pp. 69-70.
- 55 - Id., ibid., p. 70.
- 56 - Id., ibid., p. 81.
- 57 - Id., ibid., p. 95.
- 58 - Id., ibid., p. 105.
- 59 - CARDOSO, Ciro Flamarion S. Op. cit., pp. 21-23.
- 60 - CARR, E. H. *Que é História?* 2ª ed. Trad. de Lúcia Maurício de Alverga. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p. 77.
- 61 - VILAR, Pierre. *Iniciación al Vocabulario del Análisis Histórico*. Op. cit., p. 24.
- 62 - CARDOSO, Ciro Flamarion S. e BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os Métodos da História*; introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social. 2ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1981, p. 442.
- 63 - Id., ibid., p. 442.
- 64 - JOUTARD, Philippe. *Esas Voces que nos Llegan del Pasado*. México, Fondo de Cultura Económica, 1986, p. 112.
- 65 - Id., ibid., p. 113. Grifos nossos.
- 66 - Cf. VANSINA, Jan. *Oral Tradition; a study in historical methodology*. Harmondsworth, Penguin Books, 1973.
- BOUVIER, Jean-Claude (org.). *Tradition Orale et Identité Culturelle*; problèmes et méthodes. Paris, Ed. du Centre National de la Recherche Scientifique, 1980.
- 67 - CARDOSO, Ciro Flamarion S. e BRIGNOLI, Héctor Pérez. Op. cit., p. 466.
- 68 - VILAR, Pierre. *Iniciación al Vocabulario del Análisis Histórico*. Op. cit., p. 40.
- 69 - Cf. THOMPSON, Paul. *The Voice of the Past : Oral History*. Oxford, Oxford University Press, 1978, cap. III.
- 70 - JOUTARD, Ph. Orale (Histoire). In: BURGUiÈRE, André (org.). *Dictionnaire des Sciences Historiques*. Paris, Presses Universitaires de France, 1986, p. 495.
- 71 - PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL (Catálogo de Depoimentos). Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Direito Público e Ciência Política, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1981, p. 19.
- 72 - CAMARGO, Aspásia A. *História Oral e História*. (Conferência realizada no 1º seminário brasileiro de arquivos municipais, 2 a 6 de agosto de 1976, datilografada.). Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, pp. 1 e 2.
- 73 - Há uma vasta bibliografia sobre História Oral. Cf. VANSINA, Jan. Op. cit. THOMPSON, Paul. Op. cit. CAMARGO, Aspásia A. Op. cit. e *Como Fazer uma Entrevista?* (datilografado). Programa de História Oral, FINEP/CPIDoc.
- MEYER, Eugenia y BONFIL, Alicia Olivera de. La historia oral. Origen, metodología, desarrollo y perspectivas. In: *Sobretiro de Historia Mexicana*, v. XXI, nº 2, El Colegio de México.
- JOUTARD, Philippe. Op. cit.

- BOUVIER, Jean-Claude (org.) Op. cit.
- BERTAUX, Daniel (org.). *Biography and Society; the life history approach with social sciences*. USA (California), SAGE Publications, 1981.
- Life Stories/Récits de vie*. Essex, Department of Sociology, University of Essex (England); Paris, Centre d'Étude des Mouvements Sociaux, 1985, 1986, nº 1, 2.
- 74 - JOUTARD, Philippe. Op. cit., p. 375.
- 75 - Cf. BERTAUX, Daniel (org.). Op. cit.
- 76 - Cf. THOMPSON, Paul. Op. cit., cap. 1.
- 77 - Id., ibid.
- 78 - Cf. D'EPINAY, Christian Lalive et KEILFERHALS, Jean. Paroles de vieux: la place des récits de vie dans une recherche sur l'intégration et la mise à l'écart des personnes âgées. In: *Life Stories/Récits de vie*. Op. cit., nº 1, 1985, p. 38.
- 79 - VILAR, Pierre. La méthode historique. In: *Dialectique Marxiste e Pensée Structurale*; tables rondes à propos des travaux d'Althusser. Paris, Cahiers du Centre d'Études Socialistes, 1968., pp. 35-43.
- 80 - JOUTARD, Philippe. Op. cit., p. 298.
- 81 - VIOTTI DA COSTA, Emilia. Contra a história subjetiva. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25/6/1989, Caderno B, p. 8.
- 82 - PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL (Catálogo de Depoimentos). Op. cit., p. 12.
- 83 - MEYER, Eugenia y BONFIL, Alicia Olivera de. Op. cit. p. 372.
- 84 - Cf. TÁVORA, Juarez. Op. cit.
- LINS DE BARROS, João Alberto. Op. cit.
- CABANAS, João. *A Coluna da Morte*. Rio de Janeiro, s. e., 1927.
- CAMARGO, Aspásia e GÔES, Walder de (org.). Op. cit.
- LEAL, Aristides Correia. *Depoimento*; 1975-7. Rio de Janeiro, FGV/CPDoc — História Oral, 1979. 161 p. dat.
- MELLO, Nelson de. *Depoimento*; 1978-9. Rio de Janeiro, FGV/CPDoc — História Oral, 1983. (Datilografado).
- FARIAS, Osvaldo Cordeiro de. *Depoimento*; 1976-1980. Rio de Janeiro, FGV/CPDoc — História Oral. (Datilografado).
- 85 - JOUTARD, Philippe. Op. cit., p. 358.
- 86 - Cf. MOREIRA LIMA, Lourenço. Op. cit.
- FERREIRA, S. Dias. Op. cit.
- 87 - Cf. MIRANDA, Emygdio da Costa. *Entrevista*; 18/1/1977. Rio de Janeiro, FGV/CPDoc — História Oral. (Datilografado).
- MACHADO, Sady Valle. *Texto preparado para o CPDdoc*; dezembro/1982. Rio de Janeiro; FGV/CPDoc — História Oral. (Datilografado).
- FORTES, Rubens. *Entrevista*; 13/9/1983. Rio de Janeiro, FGV/CPDoc — História Oral. (Datilografado).
- 88 - Cf. os depoimentos recolhidos pela autora no Rio Grande do Sul. In: *Fontes Primárias*, no final deste livro.
- 89 - Cf. *Fontes Primárias*, no final deste livro.
- 90 - NORA, Pierre. Mémoire Collective. In: LE GOFF, Jacques (org.). *Les Encyclopedies du Savoir Moderne. La Nouvelle Histoire*. Paris, Les Encyclopedies du Savoir Moderne, 1978, p. 398. Ver também JOUTARD, Philippe. Mémoire Collective. In: BURGUIÈRE, André (org.). *Dictionnaire de Sciences Historiques*. Op. cit., pp. 447-449.
- 91 - Cf. VANSINA, Jan. Op. cit.
- BOUVIER, Jean-Claude (org.). Op. cit.
- 92 - Informações fornecidas à autora por Lygia Prestes, que viajou por alguns desses países, nesse período.